

POETAS ESQUECIDOS

Mário da Silveira

Naquela trágica noite de 22 de julho de 1921, tôda a população de Fortaleza se encheu de consternação e revolta, com o assassinio do mais jovem e esperançoso dos seus poetas.

Mário da Silveira foi abatido, inerte e de surpresa, varado de balas, em plena Praça do Ferreira, pela mão de um desalmado, num ímpeto de desvario passionai.



O bardo de "Coroa de Rosas e de Espinhos" foi quem iniciou o movimento de renovação da poesia cearense, antes mesmo do brado de Graça Aranha, em 1922.

Trouxe êle para a sua poesia a nota de uma vibração diferente, com seu poema — "Laus Purissimae" — num entusiástico ensaio de versilibrismo que abria perspectivas novas à sua imaginação criadora, na expansão dos seus transportes juvenis. Prometia ir longe, muito longe, fora dos limites convencionais dos cânones artísticos. Mas, a morte cortou-lhe o fio da existência justamente quando devia começar a viver. Foi um tesouro que se perdeu, na mais cruel das ironias...

Mário da Silveira nasceu em Fortaleza, a 17-9-1899, e faleceu antes de completar 22 anos, no alvorecer de uma mocidade iluminada de sonhos e esperanças.

Seu nome deve ser recordado com a mais carinhosa das homenagens.

O sonêto que, a seguir, se transcreve, é bem a amostra da fôrça do seu talento lírico.

SONETO

*Sedenta de ódio, cega de despeito,
Nesta penosa e transitória lida,
A alma dos homens, pérfida e atrevida,
Perde às coisas mais nobres o respeito.*

*Dizem: — “Tudo o que sentes no teu peito
Há-de um dia passar — porque na vida
Tudo é incenso sutil, poeira diluída,
O que é terreno é efêmero e imperfeito.*

*Um grande amor é como o resto... A gente
Quando menos espera, logo sente
Apagar-se o clarão da ignota chama...”*

*Eu sei que tudo é como o fumo leve;
Foge... mas, por que a vida seja breve,
Há sempre um dia mais para quem ama.*

M. L.